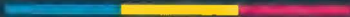



# PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS



Analice Dutra Pillar  
Anna Barros  
Aracy Amaral  
Daisy Peccinini de Alvarado  
Diana Domingues  
Evelyn Berg Ioschpe  
Lenora Rosenfield  
Margareth Pereira  
Maria Amélia Bulhões  
Mônica Zielinsky  
Nelson Aguilar  
Olímpio Pinheiro  
Sílvio Zamboni



# PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS

RESERVA TÉCNICA  
Editora da UFRGS



**Universidade  
Federal  
do Rio Grande  
do Sul**

---

Reitor  
**Hélgio Trindade**  
Vice-Reitor  
**Sergio Nicolaiewsky**  
Pró-Reitora de Extensão  
**Ana Maria de Mattos Guimarães**

---

**EDITORA DA UNIVERSIDADE**

Diretor  
**Sergius Gonzaga**

**CONSELHO EDITORIAL**

**Celi Regina Jardim Pinto**  
**Fernando Zawislak**  
**Günter Weimer**  
**Ivo Sefton de Azevedo**  
**Joaquim B. da Fonseca**  
**Luis Alberto De Boni**  
**Mário Costa Barberena**  
**Mário Rigatto**  
**Sergio Roberto Silva**  
**Sergius Gonzaga**

**Associação Nacional  
de Pesquisadores  
em Artes Plásticas  
(ANPAP)**

*Diretoria 91/93*

Presidente  
**Maria Amélia Bulhões**

Vice-Presidente  
**Romanita Disconzi**

1ª Secretária  
**Evelyn Berg Ioschpe**

2º Secretário  
**José Augusto Avancini**

1ª Tesoureira  
**Blanca Brites**

2ª Tesoureira  
**Diana Domingues**

# PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS

---

Analice Dutra Pillar  
Anna Barros  
Aracy Amaral  
Daisy Peccinini de Alvarado  
Diana Domingues  
Evelyn Berg Ioschpe  
Lenora Rosenfield  
Margareth Pereira  
Maria Amélia Bulhões  
Mônica Zielinsky  
Nelson Aguilar  
Olimpio Pinheiro  
Sílvio Zamboni

---

RESERVA TÉCNICA  
Editora da UFRGS

© dos autores  
1ª edição: 1993

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
e Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

Capa: Paulo Antonio da Silveira

Editoração: Geraldo F. Huff

Revisão: Anajara Carbonell Closs,  
Marli de Jesus Rodrigues dos Santos  
e Maria da Graça Storti Féres

Montagem: Rubens Renato Abreu

Divulgação: Jurandir Soares

Administração: Silvia Maria Secrieru

*A publicação desta obra contou com o apoio do CNPq.*

---

474p Pesquisa em artes plásticas / Analice Dutra Pillar... et al. --  
Porto Alegre : Ed.Universidade/UFRGS/Associação  
Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (AN-  
PAP), 1993.

1.Artes plásticas - Pesquisa - Brasil. I. Pillar, Analice  
Dutra.

CDU 73(81)

---

Catálogo na publicação: Mônica Ballejo Canto CRB 10/1023

ISBN 85-7025-286-2

Nº do registro: 3195

Nº da obra: 926

Data: 19/05/2010

# Profissionalismo e restauração

Lenora Rosenfield

A restauração cuida de restituir ao convívio dos homens contemporâneos objetos pertencentes a épocas anteriores que foram destruídos pelo tempo e pela incúria humana. Nesse sentido, a restauração pode ser vista como uma forma de repensar a experiência humana, tanto no sentido em que devolve aos homens algo em vias de se perder, como no sentido de que transmite a novas gerações informações do significado cultural do mesmo objeto. Ora, se essa reconstituição que testemunha o desenvolvimento da humanidade for considerada como essencial para a manutenção de nossa identidade como seres humanos, então se poderá dizer que o trabalho do restaurador possui um valor moral. É por isso que a atividade do restaurador deve respeitar certas regras bem restritas, já que este fazer corre sempre o risco de, por incúria, incompetência ou ignorância, ocasionar perdas ou deformações definitivas em objetos preciosos para a experiência humana.

Uma compreensão adequada da profissão de restaurador deve levar em conta esses fatores. Por essa razão, a antiga e persistente confusão sobre a atividade do restaurador não é apenas um equívoco sem maiores conseqüências. É também uma confusão perigosa para a vida cultural de uma comunidade. Consideramos, por exemplo, a tendência a identificar o restaurador e seu trabalho com outras atividades, como as do artista, a do artesão, etc. Estes, podem ser muito úteis para a restauração, desde que trabalhem sob orientação do restaurador profissional.

Segundo essa idéia muito difundida, o restaurador é basicamente alguém bem-intencionado e com algum tipo de habilidade para, em algum sentido obscuro, "consertar" obras de arte. Na base dessa incompreensão estão dois equívocos sérios.

De um lado, um desrespeito pelas obras culturais, concebidas como alguma coisa que pode ser reparada da mesma forma que um utensílio doméstico ou reconstituída segundo o gosto de um artista qualquer. De outro lado, uma confusão entre competência técnica e amadorismo bem-intencionado.

Os amadores — e assim devem ser chamados todos os pretensos “restauradores” sem adequada formação profissional que se põem a intervir em obras de arte — são, via de regra, pessoas bem-intencionadas, com freqüência classificáveis como “amantes da arte”. A tais pessoas falta formação técnica, algumas informações científicas e experiência profissional e, por isso mesmo, uma concepção ética adequada da atividade de restauração. Essa concepção ética não resulta de boas intenções, mas de uma compreensão adequada das estruturas próprias dos diferentes tipos de obras de arte, das técnicas apropriadas para tratar seus problemas e uma vivência refletida dos dilemas cotidianos do restaurador. Tão perigoso quanto o autodidata, já de si extremamente pernicioso, é o restaurador de má ou limitada formação profissional que, em resposta aos apelos de um mercado mal-informado e nada exigente, difunde idéias genéricas ou equivocadas sobre a restauração, dificultando dessa forma o estabelecimento de uma consciência pública a respeito de critérios rigorosos que devem orientar essa atividade.

Uma das maneiras de dissolver esses falsos conceitos sobre a profissão de restaurador é informar o público a respeito das diferentes espécies de restauração. É evidente que essa classificação variará de setor para setor da restauração.

Tomaremos aqui como exemplo a pintura sobre tela e madeira comumente chamada de pintura sobre cavalete e a utilizaremos para introduzir quatro tipos possíveis de restauração:

- a) a radical;
- b) a estética;
- c) a superficial; e
- d) a estrutural.

A restauração radical, a primeira categoria elencada acima, é aquela que “reforma” o quadro, utilizando muitas vezes materiais totalmente irreversíveis, alterando inteiramente o original. A descaracterização de uma obra pode afetar seus elementos estéticos ou seu material, implicando em ambos os casos, a perda da memória e deformação do original.

A restauração radical tende a ser adotada por duas razões principais:

1) A moda ou gosto da época determinam os critérios da restauração. O restaurador "reforma" a obra por razões de gosto ou culto religioso dando um novo aspecto a ela. Este problema foi identificado, com nitidez, após a enchente de Florença, quando da restauração de inúmeras obras de arte.

2) O amador na execução do seu trabalho por falta de conhecimentos técnicos e científicos, quando pensa estar "salvando", está de fato, modificando-a radicalmente. Esse equívoco pode gerar uma completa falsificação, pois o pseudo-profissional é levado, por falta de conhecimento, a refazer o quadro segundo seus próprios critérios.

Quer por ignorância decorrente da falta de informação e carência de treinamento profissional, quer com a intenção de ocultar do público ou do proprietário os erros gerados por sua incompetência, o falso restaurador procurará encobrir o crime através de uma restauração enganosa. Nesse caso, o espectador desinformado julgará que houve melhora e não alteração do original, pois será incapaz de identificar acréscimo de elementos e outras modificações.<sup>1</sup>

A segunda categoria, a estética, preocupa-se com a retificação do aspecto estético, utilizando-se de tintas que possibilitem o retoque, a fim de dar a cor adequada às lacunas provocadas pela deteriorização. Esta restauração devolverá à obra a possibilidade de ser lida corretamente. Na maior parte das vezes, as lacunas existentes na obra perturbam a sua apreciação, pois ressaltam o resto do quadro, distraindo nossa atenção daquilo que é mais importante. Esta restauração pode ser executada de duas formas

---

1 Neste sentido, é pertinente a observação de Glória Vallese: "A restauração radical é uma falsificação". (em *Conoscere la Pittura*, p.35). Paolucci, por sua vez, vincula com precisão, falsificação, ausência de educação artística e gosto do público: "A característica essencial de cada "falsificação" bem executada é aquela que adere intimamente à avaliação positiva do público a qual é destinada. Às vezes este público pode gostar muito mais desta falsificação, do que de uma obra autêntica no primeiro momento em que é vista. Vai de cada um, naturalmente, pois se trata de uma emoção imediata, de uma simpatia superficial, uma análise (fria e distanciada), que poderá logo ser retificada. É também verdade, porém, como observa com ironia Fredländer, que para muitos falsos amadores, um falso Weruling é o primeiro Weruling agradável.



principais, variando somente o conceito. Num primeiro caso, não se nota o retoque, já que este, por não se distinguir do original, cria a ilusão de que a obra nunca foi danificada. Este efeito é conseguido pintando naquela lacuna as mesmas cores e tonalidades existentes no seu contorno. Implica, inclusive, completar ou reproduzir a forma que corresponde à lacuna.

Num segundo caso, o retoque aparece, pois trabalha-se somente com a compensação entre os tons do quadro, sem reproduzir as formas pintadas pelo artista. O objetivo desta técnica é harmonizar as lacunas com o resto do quadro. O restaurador pinta as partes faltantes com cores e tons neutralizando-as e assim integrando-as no conjunto da obra somente através do tom.<sup>2</sup>

A primeira dessas técnicas, a ilusionista ou a competitiva, além de dificultar o estudo dos historiadores, já que somente o restaurador poderá identificar os retoques que fez, falsifica algumas partes da obra.

Em alguns casos, em lacunas muito grandes, ou em partes que a temática principal do quadro foi danificada, o restaurador será obrigado a imaginar o que havia naquela lacuna. Às vezes, esse tipo de retoque trás em si um risco muito grande de interferência na obra do artista.

A segunda dessas técnicas, a restauração estética, deixa as lacunas menos evidentes, mas não invisíveis.

Este tipo de restauração, por não ser uma falsificação, é a mais adequada, inclusive porque permite ao público em geral a identificação das partes restauradas e das partes não alteradas da obra.<sup>3</sup>

---

2 "O tecido 'neutro' que se obtém possui uma vibração cromática que se nivela gradualmente àquela expressa nos diversos fragmentos pictóricos coligados ou reunidos, sem desse modo, alterar visualmente a sua leitura correta". (Umberto Baldini, p.55)

"A restauração deve ter como objetivo, o restabelecimento da unidade potencial da obra de arte. Isto deve ser obtido sem produzir um falso artístico ou um falso documento histórico e sem apagar os sinais da passagem do tempo na obra de arte". (Cesare Brandi, p.8)

3 "A restauração constitui o momento metodológico de reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e sua dupla polaridade estética e histórica em vista da sua transmissão ao futuro". (Cesare Brandi, p.6)

Esta técnica é considerada própria para retoques, pois é a única que garante a não-interferência do restaurador na obra do artista.

A decisão a respeito do tipo de retoque a ser executado em uma obra é mais complexa do que se possa imaginar. O importante é estudar cada caso separadamente e não optar pela rigidez ou ortodoxia. A consideração principal é a recuperação da obra de arte, para que possa ser vista e apreciada pelo público, tendo em vista o que é melhor para a integridade da obra. Algumas obras necessitarão de um retoque invisível ou ilusionista e outras de um retoque de neutralização visual.

Um terceiro tipo de restauração é a restauração superficial. Esse tipo de procedimento decorre do trabalho de autodidatas ou de pessoas com formação incompleta, tal como no caso da restauração radical. Quando não há compreensão da estrutura da obra, o trabalho executado passa a ser uma camuflagem, uma maquiagem do problema, que não alcança resolvê-lo. Se uma obra necessita restauração, de nada serve melhorar sua aparência superficial. Se uma pintura, por exemplo, não está estruturalmente segura, a restauração cosmética não prolongará seu tempo de vida. Se um quadro está com tela rasgada, não basta colar o rasgão. Também no caso de restauração cosmética existe uma relação com a falsificação da obra de arte pois, assim como a obra falsificada é uma imitação disfarçada da verdadeira, o resultado de uma restauração superficial é um disfarce da deteriorização.

Os valores que estão por trás dessas situações são igualmente inaceitáveis, pois a restauração superficial é um trabalho de ocultamento. De outra parte, o resultado desse trabalho falsifica a obra.

É importante ainda ter a diferença entre restauração superficial e conservação. Muitos pensam que ambos implicam o retardamento de deterioração definitiva da obra. Isso não é correto, pois conservação não chega a interferir diretamente na obra. Ela somente cria condições para que a obra não continue se degradando.

A conservação implica uma avaliação dos problemas existentes na obra, na localização e identificação da deteriorização, higienização, no controle da umidade, de temperatura e da poluição do local onde se encontra a obra. Após constatação dos problemas e suas causas, o conservador deve encaminhar a obra para o restaurador, que além de merecedor de confiança profis-

sional, deve ser especializado no tipo de restauração que se fizer necessário.

A conservação profissional é uma atividade que se utiliza das normas da restauração profissional, o que não ocorre na restauração superficial intuitiva e sem critérios. Um segundo defeito da restauração superficial advém do fato de que as obras restauradas, segundo esse método, tendem a exigir sucessivas falsas restaurações em curto espaço de tempo. Neste caso, a maneira pela qual o trabalho é feito não visa produzir a estabilidade estrutural da obra e, por essa razão, em pouco tempo necessitaria nova restauração. Pode-se dizer que esse tipo de trabalho é comercialmente mais vantajoso, pois neste caso, o custo do material empregado é inferior ao custo do material utilizado em uma restauração adequada. Muitas pessoas procuram uma restauração superficial, pois seu custo é mais acessível do que o de uma restauração que vise resolver o problema da obra de forma mais estável e duradoura, além de produzir um efeito imediato razoável.

Um quarto tipo de restauração pode ser chamado de estrutural. Brandi escreve que "na matéria da obra, uma parte dos meios físicos de que é composta chama-se *estrutura* e tem a função de suporte. Os outros meios que são intimamente ligados à imagem intrínseca, ele chama *aspecto*".

Neste artigo, a expressão "estrutura da obra" refere-se não só ao suporte da obra, mas também à combinação dos materiais que a compõem. Indica que o conjunto pelo suporte, pela base de preparação, pelos pigmentos aglutinantes e verniz.

O método estrutural tem como objetivo resolver os problemas estruturais do quadro, resultantes da fragilização dos materiais mencionados acima. Ele procura identificar o funcionamento dos materiais que compõem a obra bem como a mútua influência que exercem entre si.

Esta concepção de restauração é a mais próxima do que se poderia chamar de ideal. Requer, portanto, um amplo conhecimento teórico a respeito de métodos e muitas práticas em restauração. Entre as várias vantagens citadas existentes na restauração estrutural, é importante salientar o fato que a obra não perde a sua autenticidade. Portanto, é fundamental uma intervenção adequada na estrutura da obra, significando uma restauração que respeite o resultado pictórico alcançado pelo artista utilizando material comprovadamente estável e, dentro do possível, re-

versível. Esse procedimento possibilita, ainda, um contato direto com a obra, pois ao apreciá-la sabe-se que não houve alteração do original.

### **Referências bibliográficas**

- BRANDI, Cesare. *Teoria del restauro*. 3.ed., Turim: Einaudi Editori, 1977.
- PERUSINI, Giuseppina. *Introduzione al restauro: storia, teorie, tecniche*, 1.ed. Udine: Del Bianco Editore, 1985.
- VALLESE, Glória. *Conoscere la pittura*. Farigliano. Itália: Editoriale L'Espresso, 1980.